

## **Folha de S. Paulo**

**16/5/1984**

### **Montoro culpa a crise e Gusmão acusa a "ganância"**

No início da noite de ontem, o governador Franco Montoro apelou aos usineiros da região de Ribeirão Preto para que ajudem o governo a debelar o "estado de fome" em que se encontra o trabalhador rural paulista, dispondo-se a um entendimento em relação aos salários, lembrando que as discussões em torno desse ponto específico geraram os incidentes em Guariba.

"A inflação a mais de 200% e a dívida externa recebendo o tratamento que lhe está dispensando o governo federal, estão levando a Nação ao limite do suportável" — declarou. O governador acrescentou que o secretário do Trabalho, Almir Pazianoto, foi deslocado para Guariba durante a madrugada de ontem, poucos minutos após o Palácio dos Bandeirantes ter recebido as primeiras informações sobre o que ocorria em Guariba, e que este já havia conseguido conversar com líderes sindicais, com o prefeito e com usineiros. Hoje cedo, deverão ser iniciados os entendimentos visando a um acordo salarial.

O início da revolta dos bóias frias surpreendeu o governo, embora Montoro tentasse dizer o contrário. Tanto assim, que nem mesmo a Casa Militar estava a par da real situação da região no fim da tarde e início da noite. Mas às 21 horas, o chefe da Casa Militar do Palácio dos Bandeirantes, coronel PM Ubirajara Gaspar, informou a Montoro que a situação em Guariba e Bebedouro estava sob controle.

Ao final de sua curta entrevista, Franco Montoro, disse ser necessário que se encontre uma rápida solução para "a grave crise que o País atravessa, evitando-se dessa forma o alastramento de reações como a que se verificou hoje numa área do Estado de São Paulo".

### **Gusmão culpa usineiros**

Para o secretário de Governo, Roberto Gusmão, "ninguém conseguiria insuflar o trabalho à revolta se este não estivesse passando fome e em estado de desespero. Consequência da ganância de alguns usineiros, que não querem compreender que a situação do bóia fria é crítica".

Qualificando os bóias frias como "miseráveis nômades", o secretário de Governo afirmou que a situação em todo o Estado "é crítica" e admitiu que outros focos de distúrbios poderão surgir, apesar do esquema preventivo montado pelo governo.

"Os bóias frias estão realmente ganhando menos este ano do que no ano passado — comentou —, e ainda por cima os usineiros tentam impor-lhes o aumento de cotas de colheita de cana, aumentando a área onde cada um desses trabalhadores deve operar de cinco para sete ruas".

### **Na Assembléia**

Uma combinação explosiva: de um lado, de 50 a 60 mil trabalhadores volantes vivendo miseravelmente e trabalhando de 10 a 12 horas por dia na colheita da safra de cana-de-açúcar na região de Ribeirão Preto; de outro, "4 ou 5 famílias" se apropriando do lucro produzido pelos trabalhadores famintos. A análise é do deputado estadual Valdir Trigo (PMDB), da região de Ribeirão Preto, que estimula o lucro gerado com a produção de açúcar e álcool em torno de Cr\$ 10 bilhões.

"É uma região rica, a maior concentração de riqueza do Estado — diz Trigo —, e é nessa região, em torno das cidades de Guariba, Pontal, Sertãozinho, Pradópolis e outras que se concentram

os bóias frias na época da safra de cana. Eles não têm nenhuma garantia, vivem na miséria em meio a uma riqueza fantástica. Nesse quadro social explosivo, a revolta passa a ser natural. Waldemar Chubacci, também deputado do Interior pelo PMDB, chega a prever que novas explosões devem acontecer se o governo não tomar alguma providência.

De outra parte, a ira dos bóias frias de Guariba contra as instalações da Sabesp é facilidade explicada, na opinião do deputado Mauro Bragato (PMDB): "O Governo do Estado não manda nada em relação à Sabesp. A empresa é controlada pelo Ministério do Interior, através do BNH, e isso significa que o governo estadual tem de engolir coisas como o fato de a tarifa de água cobrada na Praia de Pitangueiras, no Guarujá, ser a mesma imposta, por exemplo, aos habitantes da periferia de Guariba.

***(Página 19)***